

A EUTANÁSIA É UM CRIME



Dra. Marlene Nobre *

Os filmes *Mar Adentro* e *Menina de Ouro* trouxeram de novo à baila a questão da eutanásia – o acto de apressar, sem dor ou sofrimento, a morte de um doente incurável. Embora ilegal, dezesseis médicos brasileiros entrevistados pelo jornal *Folha de S. Paulo* (de 20/2/05) disseram que a eutanásia é uma prática habitual nas UCI's do Brasil. Para eles, é uma forma de abreviar o sofrimento do doente e da sua família, além de satisfazer aspectos práticos, como o de desocupar leitos para os que têm mais hipóteses de sobreviver, ou o de abaratar os altos custos da UCI, uma preocupação obsessiva da medicina privada. Segundo a mesma reportagem, os Conselhos Regionais de Medicina estão também inclinados a aceitá-la.

Nos hospitais é comum ver-se a aplicação da mistura sedante no paciente terminal. Quando a dosagem do remédio deixa de fazer efeito, o médico aumenta-a gradualmente, apressando com isso a sua morte, porque a sedação é tóxica.

Quer desligando os aparelhos, quer aumentando a sedação, a intervenção do médico é decisiva e tem apressado a morte de muitos pacientes.

Não é isto um terrível contra-senso? O médico não jurou lutar sempre pela vida?

Débora Diniz, professora de Bioética na Universidade de Brasília, disse ao repórter que não é bem assim. Para ela, a eutanásia é um direito individual, de modo que, embora haja o conflito ético, essa atitude pode ser vista como um "gesto de solidariedade do médico" em relação ao seu paciente. Infelizmente, esta é a tendência predominante no mundo de hoje, a da bioética utilitarista, que dá ao paciente autonomia para decidir quanto ao momento da morte, como se a vida não fosse o bem maior de uma pessoa. Um bem inalienável, indisponível.

Com base nesse modelo utilitarista, a Holanda e a Bélgica legalizaram a eutanásia e o estado de Oregon (USA), aprovou, em 1994, uma lei que permite o sucídio medicamente assistido, no qual o médico ajuda o doente a morrer. Mas o descalabro não pára por aqui! Peter Singer, um dos representantes máximos da bioética utilitarista, admite tudo. Além do aborto e da eutanásia, defende também o infanticídio, isso mesmo, o assassinato de crianças deficientes, com o patrocínio dos próprios pais. Vegetariano assumido, faz a defesa intransigente da vida dos animais, considerando-a de mais valia do que a dos humanos deficientes.

Estamos a viver o apogeu da era materialista e hedonista na face da Terra. O corpo é visto como uma coisa que se pode descartar quando deixa de apresentar a propalada "qualidade de vida", normalmente associada – pelos materialistas – à juventude, aos gozos da liberdade e do movimento e ao pleno funcionamento das faculdades mentais. Como se o ser humano fosse um boneco que não devesse passar por outros tipos de experiências, próprias do viver, como o da decrepitude física e mental.

Para o médico espírita, porém, a norma é outra. O modelo personalista espírita considera a vida um direito natural, inalienável. Por ser uma concessão Divina, é um bem indisponível.

Quanto mais estuda os fenómenos da natureza, mais se convence de que a vida resulta de um primor de planeamento, e mais se curva ante o poder do Grande Programador – Deus, a Sublime Consciência do Universo.

Com base na fé raciocinada, o médico espírita tem a certeza de que a eutanásia é um gesto de insubordinação, de rebeldia, da criatura perante o seu Criador, e que, a seu devido tempo, responderá por essa rebeldia, assim como todos os outros envolvidos.

*** médica ginecologista, presidente da
Associação Médico-Espírita do Brasil**